



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS
IV LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RAFAELE REIS ARCHANJO

**SOB O SIGNO DOS LOAS: O VODU NO IMAGINÁRIO DA REVOLUÇÃO
HAITIANA**

**JACOBINA - BAHIA
2025**

RAFAELE REIS ARCHANJO

**SOB O SIGNO DOS LOAS: O VODU NO IMAGINÁRIO DA REVOLUÇÃO
HAITIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Curso de
História do Departamento de Ciências
Humanas da Universidade do Estado da
Bahia, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciada em História.
Orientadora Profa. Dra. Joelma Ferreira
dos Santos

**JACOBINA - BAHIA
2025**

RAFAELE REIS ARCHANJO

**SOB O SIGNO DOS LOAS: O VODU NO IMAGINÁRIO DA REVOLUÇÃO
HAITIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Curso de
História do Departamento de Ciências
Humanas da Universidade do Estado da
Bahia, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciada em História.
Orientadora Profa. Dra. Joelma Ferreira
dos Santos

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Joelma Ferreira dos Santos – UNEB (Orientadora)

Prof. Dr. Lineker Oliveira Roberto da Silva (UFRGS)

Profa. Ma. Mariza do Carmo Rodrigues (UNEB)

RESUMO

A Revolução Haitiana (1791-1804) marca a independência do Haiti e o fim do regime escravista em São Domingos. No entanto, para além de suas dimensões políticas e sociais, essa revolução foi influenciada por elementos culturais e espirituais, entre os quais o vodu desempenhou um papel crucial. Assim, o objeto de estudo desta pesquisa foi analisar como o vodu, enquanto prática religiosa, contribuiu para a mobilização dos escravizados e para a construção de uma identidade coletiva que sustentou o processo revolucionário. A metodologia adotada baseou-se em uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa e natureza exploratória, utilizando bases de dados como Google Scholar, Scielo e periódicos CAPES. Os resultados apontam que o vodu assumiu grande relevância, funcionando como um eixo de articulação social, política e cultural entre os escravizados. Destacou-se a cerimônia de Bois Caïman como um marco simbólico e estratégico, onde a espiritualidade e a organização política convergiram, fomentando ações revolucionárias. A pesquisa também evidenciou que o vodu exerceu um impacto psicológico significativo, promovendo coragem entre os escravizados e temor entre os colonizadores. Nas discussões historiográficas, notou-se uma perseguição histórica e contemporânea ao vodu, frequentemente demonizado pelas narrativas coloniais e por discursos religiosos dominantes. Analisou-se, ainda, como a prática religiosa se adaptou às condições adversas e ressignificou elementos do cristianismo para preservar sua essência e fortalecer a resistência cultural. Conclui-se que o vodu foi mais do que uma prática religiosa durante a Revolução Haitiana, representando uma força de união, resiliência e transformação que moldou os rumos do Haiti.

Palavras-chave: Vodou. Revolução Haitiana. Resistência Cultural. Práticas Religiosas. Loas.

ABSTRACT

The Haitian Revolution (1791-1804) marks Haiti's independence and the end of the slavery regime in Saint-Domingue. However, beyond its political and social dimensions, this revolution was influenced by cultural and spiritual elements, among which vodou played a significant role. Thus, the object of this research was to analyze how vodou, as a religious practice, contributed to the mobilization of the enslaved population and the construction of a collective identity that sustained the revolutionary process. The methodology adopted was based on a literature review, with a qualitative approach and exploratory nature, using databases such as Google Scholar, Scielo, and CAPES journals. The results indicate that vodou assumed great relevance, functioning as a social, political, and cultural articulation axis among the enslaved. The Bois Caïman ceremony stood out as a symbolic and strategic milestone where spirituality and political organization converged, fostering revolutionary actions. The research also highlighted that vodou had a significant psychological impact, promoting courage among the enslaved and instilling fear in the colonizers. The discussions revealed a historical and contemporary persecution of vodou, often demonized by colonial narratives and dominant religious discourses. Additionally, it was analyzed how this religious practice adapted to adverse conditions and reinterpreted Christian elements to preserve its essence and

strengthen cultural resistance. It is concluded that vodou was more than a religious practice during the Haitian Revolution; it represented a force of unity, resilience, and transformation that shaped the course of Haiti.

Keywords: Vodou. Haitian Revolution. Cultural Resistance. Religious Practices. Loas.

Introdução

A religiosidade constitui uma dimensão importante da experiência humana, principalmente em contextos de dominação e violência, como no caso da escravidão. Mais do que um sistema de crenças, a religiosidade pode ser compreendida como um espaço simbólico e coletivo de resistência, reconstrução de identidades e afirmação cultural. Nas comunidades africanas escravizadas nas Américas, a religião articulava o cotidiano e a espiritualidade, mas também fornecia ferramentas de organização social, preservação da memória e mobilização frente às opressões impostas pelos colonizadores (Schiefler, 2023).

Muitas são as revoluções que, em seus primórdios, não se apresentam por meios explicitamente políticos, mas que a partir da vivência coletiva, tornam-se força de resistência e transformação. A Revolução Haitiana, ocorrida entre 1791 e 1804, é um marco desse tipo de mobilização, pois foi a primeira revolta de escravizados da era moderna a resultar na criação de um Estado independente (Santos, 2023).

Assim, esse processo foi protagonizado majoritariamente por africanos e seus descendentes, os quais, mesmo em condição de cativo, preservaram valores ancestrais, principalmente através das práticas religiosas do vodu, que se mostrou importante como forma de organização, resistência e identidade (Santos, 2023).

Nesse contexto, o vodu, além de uma crença espiritual, constituiu-se como espaço de resistência política e de coesão social. Os rituais, mitos e símbolos dessa prática religiosa foram reapropriados como mecanismos de enfrentamento ao regime colonial e ao cristianismo europeu imposto (James, 2010). Assim, compreendê-lo como sistema espiritual, bem como estrutura sociopolítica, torna-se indispensável para entender os caminhos que levaram à emancipação de São Domingos e à formação do Haiti (Meira, 2023).

O presente trabalho, portanto, parte da necessidade de discutir sobre a centralidade da espiritualidade no processo revolucionário haitiano. Ou seja,

representa um esforço em reconhecer a importância de elementos historicamente marginalizados pelas narrativas eurocêntricas, que, por vezes, relegaram a religião dos oprimidos ao campo do folclore ou da superstição. Ao colocar o vodu no centro da análise histórica, propõe-se um deslocamento epistemológico que valoriza o protagonismo negro e suas cosmologias próprias.

É importante destacar que esta pesquisa não se baseia em fontes primárias, mas foi construída a partir de uma revisão bibliográfica, caracterizada como uma análise teórica voltada para a análise e compreensão das contribuições de diferentes autores sobre o tema estudado, visando uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória. As bases de dados utilizadas para a coleta dos materiais foram *Google Scholar*, *Scielo* e periódicos CAPES. A busca foi realizada utilizando descritores como "vodu", "Revolução Haitiana", "resistência cultural", "história do vodu" e "Revolução de São Domingos". Foram utilizados critérios de inclusão como: artigos publicados nos últimos 20 anos, disponíveis em português ou inglês, que abordassem diretamente o papel do vodu na Revolução Haitiana e estudos que analisassem aspectos históricos, culturais e sociais relacionados ao tema.

A escolha por essa metodologia devia-se à intenção de reunir, sistematizar e analisar criticamente as contribuições de diversos autores que já se debruçaram sobre o tema. Assim, buscou-se descrever eventos e compreender os sentidos atribuídos a eles pelos sujeitos históricos envolvidos.

A problemática que norteou a presente pesquisa foi embasada no seguinte questionamento: como o vodu, enquanto prática cultural e espiritual influenciou a organização social, as estratégias políticas e os desdobramentos da Revolução Haitiana?

O objetivo do trabalho foi analisar como o vodu, enquanto prática religiosa contribuiu para a mobilização dos escravizados e para a construção de uma identidade coletiva que sustentou o processo revolucionário. Para tanto, buscou-se, explorar as origens africanas do vodu e sua adaptação no contexto colonial de São Domingos, e entender como o vodu articulou espiritualidade e resistência, além disso procurou-se identificar os impactos do vodu nas estratégias políticas e militares adotadas durante a revolução e discutir as representações históricas do vodu, destacando seus estereótipos e ressignificações contemporâneas.

A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição acadêmica e social ao resgatar um aspecto fundamental da história haitiana que, por muito tempo, foi

negligenciado ou deturpado pelas narrativas coloniais. Sendo assim, socialmente e academicamente falando, entender o papel do vodu na Revolução Haitiana é pertinente para desmistificar estigmas que ainda cercam essa prática religiosa.

Além disso, este estudo dialoga com debates contemporâneos sobre memória, identidade e resistência cultural, reafirmando a importância de uma historiografia que privilegie perspectivas pluralistas e humanizadas. Para tanto, ao abordar o vodu como um elemento principal na luta pela independência haitiana, esta pesquisa contribui para a valorização das tradições culturais afrodescendentes, promovendo um olhar mais inclusivo e crítico sobre o passado.

A estrutura do trabalho está organizada da seguinte forma: na primeira seção, apresenta-se um preâmbulo do contexto da colonização em São Domingos, bem como os trâmites do período pré-revolucionário. Em seguida, aborda-se a forma como os rituais vodu operavam enquanto espaços de articulação e mobilização política. Posteriormente, examina-se o episódio do Bois Caïman e a importância da religiosidade na deflagração da Revolução Haitiana. Por fim, discutem-se os impactos dessa revolução e o legado do vodu na constituição da primeira república negra do mundo.

O contexto histórico da Revolução de São Domingos

De antemão, faz-se necessário realizar uma análise sócio-histórica em torno de todo o contexto estrutural que permeava a colônia de São Domingos no final do século XVIII, considerando suas dinâmicas econômicas, sociais e culturais (James, 2010). Conforme argumenta Eric Hobsbawm (2015) em *A Era das Revoluções*, o impacto das ideias iluministas e as tensões geradas pela Revolução Francesa transcenderam os limites geográficos da Europa.

Para compreender o contexto que culminou na revolução, é imprescindível considerar o papel das relações de poder, das hierarquias sociais — incluindo a frágil posição dos mulatos livres¹ e a resistência cultural dos africanos escravizados — e das tensões entre os grupos antagônicos consolidados na estratificação social da colônia.

¹ Esse termo era amplamente utilizado nos séculos XVIII e XIX para se referir a pessoas de ascendência mista africana e europeia que não estavam submetidas à escravidão.

Antecedentes coloniais e a sociedade escravista

A priori, é importante citar que São Domingos, que hoje corresponde ao Haiti, destacou-se no século XVIII como a colônia mais próspera do Caribe, sendo frequentemente descrita como a "pérola das Antilhas". Conforme salienta James (2010) em *Os Jacobinos Negros*, essa prosperidade advinha, principalmente, da monocultura açucareira, responsável por uma produção que supria boa parte das demandas do mercado europeu. No entanto, essa abundância era alicerçada em um sistema escravista impiedoso, cuja composição era de aproximadamente meio milhão de africanos escravizados, importados à força para as plantações da ilha.

Em consonância com isso, sob uma perspectiva histórica, nota-se que o período que abrange os séculos XVI a XIX testemunhou a consolidação do que Eric Williams (2012), em *Capitalismo e Escravidão*, denomina como a base estrutural do desenvolvimento econômico europeu: o sistema escravista transatlântico.

Portugal, Espanha, Grã-Bretanha, França e Holanda lideraram o que pode ser descrito como a maior experiência de exploração humana da história, ancorada em um modelo de produção altamente lucrativo para os interesses europeus. Este sistema, longe de ser um episódio isolado ou fruto de ações descoordenadas, foi estruturado e mantido por mercadores, investidores e banqueiros que operavam dentro de uma lógica capitalista nascente, cujas consequências moldaram, *a posteriori*, as dinâmicas do Mundo Atlântico (Queiroz, 2022).

Nesse cenário, São Domingos emergiu como o paradigma da colônia escravista lucrativa. Contudo, como sublinha Queiroz (2022), essa prosperidade baseava-se no sofrimento e na exploração de uma população africana escravizada, arrancada de seus lares e submetida a condições desumanas nas plantações coloniais.

A sociedade de São Domingos era marcada por uma pirâmide social que demonstrava, de forma clara, a brutalidade do sistema colonial. No topo, situavam-se os *grands blancs*, os grandes proprietários de terra e plantadores, que detinham o controle político e econômico da colônia. Abaixo, os *petits blancs* desempenhavam papéis secundários como comerciantes, artesãos e supervisores, sustentando-se na falsa superioridade conferida pela cor da pele. Em posição intermediária, os *gens de couleur libres* ou "pessoas de cor livres" ocupavam um espaço ambíguo,

economicamente relevantes em alguns casos, mas alvos de legislações que perpetuavam a discriminação e limitavam sua ascensão social (Troitinho, 2023).

Na base dessa pirâmide encontrava-se a esmagadora maioria da população: os africanos escravizados. Condenados a uma existência que os reduzia a instrumentos de trabalho, esses indivíduos foram desprovidos de direitos e submetidos a jornadas exaustivas, castigos físicos e uma contínua tentativa de apagamento cultural.

Todavia, conforme destaca Rocha (2023), o sistema escravista, apesar de sua violência, não conseguiu eliminar por completo as formas de resistência cultural e espiritual dos escravizados. Suas práticas religiosas, linguagens e modos de organização social sobreviveram como um legado que mais tarde desempenharia papel pertinente na articulação da Revolução de São Domingos.

O Mundo Atlântico apresentou-se, assim, como um espaço de desenvolvimento desigual e combinado, onde a opulência europeia contrastava com a miséria e a violência impostas às populações escravizadas. Tal como enfatiza Robin Blackburn (2010), atrelar o progresso ocidental à brutalidade do sistema escravista é uma tarefa árdua, mas imprescindível.

Essa relação expõe o caráter intrínseco de um sistema econômico que, embora rentável, foi sustentado à custa da dignidade humana, criando uma tensão estrutural que, inevitavelmente, culminaria na explosão revolucionária que transformaria São Domingos no primeiro Estado negro livre do mundo moderno.

A colonização de São Domingos nos ajuda a apreender essa imbricada realidade. Após ter sido derrotada na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), a França viu a Louisiana e os seus territórios canadenses se tornarem possessões britânicas. No Caribe, restaram algumas colônias pequenas e São Domingos, metade de uma ilha, mas um pouco maior e bem mais significativa. Rapidamente, a metrópole concentrou os investimentos e o comércio de escravos na região⁴³. São Domingos apresentava um litoral recuado, que facilitava o carregamento de produtos, quatro planícies férteis ao redor da capital, Le Cap, colinas arborizadas e rios e córregos que se direcionavam ao mar do Caribe. O amplo e fácil acesso à água possibilitou esquemas de irrigação, elevados índices agrícolas e moinhos movidos à água (Silva, 2019, p. 25).

No entanto, é pertinente destacar que, a estrutura social e econômica de São Domingos, sustentada pela exploração escravista e pela hierarquia colonial, criou um ambiente de tensões acumuladas, em que as desigualdades e a brutalidade do

sistema contribuía, cada vez mais, para um cenário de instabilidade desse regime (Silva, 2019).

Essa estrutura opressiva gerava, simultaneamente, movimentos de resistência e organização entre os oprimidos. Se, por um lado, o trabalho extenuante e as condições desumanas tentavam desarticular a população escravizada, por outro, práticas culturais e religiosas, além de estratégias de sobrevivência e subversão, mantinham vivas as vontades incessantes da insubordinação dessa população oprimida.

Assim, o cenário pré-revolucionário foi marcado por uma crescente oposição ao sistema colonial, que, à medida que ideias iluministas e libertárias cruzavam o Atlântico, tornava-se cada vez mais insustentável, como será discutido no próximo tópico.

Opressão e resistência: o cenário pré-revolucionário

Quando se discute o cenário pré-revolucionário, é inegável o quão degradante era a vida dos escravizados, marcada, sobretudo, pela opressão, mas, acima de tudo, pela resistência dessas pessoas. É factual que a colonização francesa impôs uma das mais cruéis realidades aos negros escravizados trazidos ao seu território, como foi o caso de São Domingos (atual Haiti), ainda sob o domínio colonial entre 1697 e 1804 (Meira, 2023).

Aos negros escravizados eram impostos diversos tipos de trabalhos penosos, além de castigos e penas extremamente violentas. Dentre essas práticas, destacavam-se as costuras dos lábios com arame de ferro, a castração, a mutilação sexual, o aprisionamento de homens com os corpos besuntados de mel e colocados sobre formigueiros, ou, ainda, a colocação de pólvora no ânus destes para, em seguida, acendê-la (Schiefler, 2023).

Ultrapassados por tamanha barbárie, os negros — que de modo algum podem ser taxados de passivos — organizaram-se em torno do ideal de revolta. Ainda que os registros não tragam clareza sobre os detalhes dessa organização, é necessário reconhecer sua importância no processo de resistência.

A chegada dos africanos escravizados a São Domingos simbolizava o início de uma trajetória marcada pela violência e pela tentativa de desumanização sistemática. Após a travessia atlântica, realizada em condições insalubres, os recém-

desembarcados eram submetidos a um processo que visava integrá-los ao sistema escravista colonial (Meira, 2023).

Banhos, aplicação de óleo para realçar a aparência e rituais religiosos conduzidos por padres jesuítas eram usados para simbolizar sua "purificação" e submissão à nova ordem (Blackburn, 2010). Esse processo de inserção no sistema colonial demonstrava o quão opressor era o regime escravista. No início do século XVIII, São Domingos já contava com cerca de 47 mil africanos escravizados, número que cresceria exponencialmente nas décadas seguintes, alcançando impressionantes 500 mil, em 1789, ou aproximadamente 90% da população total da ilha (Silva, 2019).

Como destaca Laurent Dubois (2004), a desproporção demográfica entre os escravizados e os outros grupos sociais evidenciava o caráter extremamente explorador da economia de *plantation* e criava uma tensão latente, que inevitavelmente culminaria em conflitos. Frente a isso, Silva (2019) discute sobre o controle dos colonos sobre os escravizados:

Os colonos possuíam controle sobre a manumissão dos escravos, poderiam explorá-los e chicoteá-los, controlar os seus respectivos casamentos e proibi-los de vender cana-de-açúcar ou portar armas. No entanto, não estavam legitimados a torturá-los, matá-los ou estuprá-los. Deveriam vesti- los, alimentá-los e compreender a ideia de que não poderiam fazer qualquer coisa com os negros (Silva, 2019, p. 27).

O cotidiano dos escravizados nas plantações era marcado por extenuantes jornadas de trabalho, que começavam antes do amanhecer e frequentemente se estendiam até a noite. As breves pausas para alimentação ofereciam refeições precárias, insuficientes para repor as energias necessárias à sobrevivência em meio à brutalidade do sistema. Sidney Mintz (1986), observa que o trabalho agrícola devastava fisicamente os indivíduos, mas também buscava destruir seus laços comunitários, uma estratégia deliberada para enfraquecer possíveis formas de resistência.

Apesar disso, a resistência não foi impactada. Como destaca Meira (2023), práticas culturais, religiosas e comunitárias foram preservadas pelos escravizados, que encontraram maneiras de desafiar o sistema e, vale ressaltar ainda, essas práticas emergiam como "válvulas de escape", permitindo a expressão de anseios de liberdade e a articulação de solidariedades entre os oprimidos. Assim, torna-se perceptível que os africanos encontraram nas tradições culturais e religiosas um espaço de refúgio, resiliência e rearticulação de suas identidades coletivas. A

espiritualidade, por sua vez, foi uma força importante no processo de preservação identitária (Silva, 2019).

Nesse contexto, o sincretismo religioso emergiu como uma ferramenta de resistência cultural e adaptação, permitindo que elementos do cristianismo imposto pelos colonizadores fossem incorporados às tradições africanas, garantindo a sobrevivência das práticas religiosas dos escravizados, contribuindo para a mobilização das forças revolucionárias, conforme será explorado no tópico a seguir.

O papel do sincretismo religioso no Haiti colonial

No cenário colonial de São Domingos, a vivência religiosa dos escravizados não se limitava à imposição de práticas católicas promovidas pelos colonizadores. Pelo contrário, os africanos escravizados encontraram na espiritualidade um espaço de resistência e reconfiguração cultural.

Como aponta Queiroz (2022), as experiências religiosas combinavam elementos das tradições africanas — trazidas pelas diversas etnias que compunham a população escravizada — com aspectos do catolicismo, frequentemente imposto como ferramenta de dominação. E ficava nítido que esse sincretismo preservava a essência espiritual africana, mas também representava uma forma de subverter a tentativa de apagamento cultural promovida pelo sistema colonial.

A incorporação de santos católicos como representações simbólicas evidenciava a adaptabilidade cultural dos escravizados e a força de suas tradições. Tal prática, como destaca Joseph (2010, p. 156), pode ser interpretada como “estratégia de sobrevivência do escravo diante do regime escravagista”. Desse modo, a resistência cultural permitiu que os escravizados reconfigurassem os instrumentos de opressão em ferramentas de fortalecimento identitário e comunitário, criando uma religiosidade híbrida que ressoava com sua ancestralidade.

As cerimônias e rituais sincréticos, realizados em segredo, desafiavam silenciosamente o poder colonial. Além disso, a religião dos escravizados e sua relação com o catolicismo proporcionavam a eles uma narrativa compartilhada de esperança e libertação (Santos, 2023), aspectos que seriam importantes na mobilização revolucionária que culminou na independência do Haiti. Nesse contexto,

o sincretismo religioso assumiu um papel bem relevante: era ao mesmo tempo uma prática espiritual e uma forma de resistência cultural (Meira, 2023).

Conforme observa Hurbon (2001, p. 69), “os escravos utilizaram e interpretaram os ritos católicos à maneira de sua própria religião. Servindo-se do catolicismo como máscara, consolidaram suas próprias práticas e crenças”. Assim, ressalta-se que o surgimento do vodu foi, sem dúvidas, um símbolo de resistência cultural e espiritual, sendo um marco desse processo. Rogério (2023), por sua vez, destaca que o vodu preservava as memórias e os valores das sociedades africanas, e, além disso, funcionava como um espaço de fortalecimento coletivo. Em um sistema que visava desumanizar e atomizar os indivíduos, o vodu restabelecia os laços comunitários. Desse modo, vale discutir a respeito do vodu de maneira mais ampla.

O vodu como elemento cultural e político

A palavra vodu tem origem nas tradições religiosas animistas teístas dos povos Fon-Ewe, da África Ocidental. Seu significado está relacionado a “Deus, Espírito e Sua Imagem” e seu sacerdote é conhecido como Houngan, termo traduzido como “Senhor do Deus”. A religião voduísta fundamenta-se no culto aos seres da natureza e aos ancestrais. Dessa forma, é amplamente valorizada como um meio de promover a saúde e o bem-estar coletivo. (Prosper, p.127-128, 2021.)

Dentre as expertises da fé ritualística propriamente dita consta a medicina ancestral, baseada na utilização dos recursos naturais. Estas podem igualmente ser empregadas no benevolente intuito de curar como também com desígnio de causar males diversos e até mesmo a morte. Métraux caracterizou o vodu como “um conjunto de crenças e de ritos de origem africana que, estreitamente ligados a práticas católicas, constituem a religião da maior parte da população camponesa e do proletariado urbano da República Negra do Haiti” (Métraux, 1958, p. 11, tradução nossa).

Para que o praticante de vodu obtenha o favor dessas entidades é necessário que se preencha certos requisitos que mudam de acordo com o *Loa* invocado, mas, em geral, acredita-se que sejam solicitados aos fiéis fidelidade e culto ao *Loa*, sacrifícios em seu nome e estar enquadrado nos preceitos morais do voduísmo.

Práticas e crenças do vodu no período pré-revolucionário

No contexto que antecedeu a revolução em São Domingos, várias são as contribuições advindas da religião do vodu. Originalmente, o vodu emergiu no Caribe como um símbolo de resiliência, adaptando-se ao contexto da diáspora africana e consolidando-se no Haiti como uma força espiritual e cultural. No cenário pré-revolução em São Domingos, o vodu assumiu grande relevância, principalmente para garantir a preservação das tradições e a coesão dos escravizados (Rogério, 2023).

É preciso destacar que as práticas rituais eram realizadas sob a liderança dos *houngans* (sacerdotes) e *mambos* (sacerdotisas), que atuavam como mediadores entre os praticantes e os *loas*, entidades espirituais associadas a forças naturais, ancestrais ou conceitos abstratos (Silva, 2019). Os rituais consistiam basicamente em cânticos, danças, sacrifícios de animais e oferendas, que tinham como objetivo invocar os *Loa*, buscar proteção espiritual e garantir o equilíbrio entre o mundo visível e o invisível. E nesses encontros eram reforçados os laços comunitários, além de operar como espaços de organização e resistência silenciosa frente ao sistema escravista (Queiroz, 2022).

Conforme ressalta Hurbon (2001), o vodu foi, de fato, a primeira forma de resistência contra a escravidão, desafiando diretamente as tentativas dos colonizadores de impor uma identidade única e desumanizadora. O sincretismo com o catolicismo, que associava santos cristãos aos *Loa*, exemplifica a habilidade dos escravizados de ressignificar os símbolos religiosos impostos, mascarando suas práticas africanas e transformando-as em um ato subversivo. Dessa forma, o vodu tornou-se uma ferramenta de afirmação cultural e um meio de reivindicar humanidade em um contexto que era, como já mencionado várias vezes, opressor.

Frente a esse cenário, essa religião também foi duramente reprimida pelos colonizadores. Quanto a isso, Silva e Doimo (2021, p. 4) trazem contribuições pertinentes a respeito do assunto:

O Vodu, caracterizado como uma religião das classes populares do país, era visto pela Igreja a partir de um dualismo ocidental em que de um lado encontra-se Deus, a religião cristã e do outro lado encontra-se o Demônio, a religião pagã, nesse caso, o Vodu. O termo paganismo era empregado com o intuito de desvalorizar, desqualificar e hierarquizar, assumindo posição inferior em uma escala comparativa, de forma consciente ou não. Se o Vodu era um elemento no qual os negros reagiam ao sistema escravocrata, *[sic,]* por meio do catolicismo era uma das principais estratégias dos colonizadores. A partir da crença da inferioridade racial dos negros, os colonizadores acreditavam na assimilação cultural dos

valores ocidentais como forma de desconstruir e combater a identidade do negro. Mas, ao contrário do que pensavam, os escravos utilizaram e interpretaram os ritos católicos à maneira de sua própria religião.

Os rituais vodu no período pré-revolucionário também possuíam uma dimensão política, pois as cerimônias realizadas, muitas vezes de maneira sigilosa, eram momentos de articulação coletiva, onde os escravizados podiam planejar estratégias de resistência e fortalecer os laços de solidariedade necessários para enfrentar o sistema colonial.

O vodu como forma de organização e mobilização: a liderança de Makandal

O período que antecedeu a independência do Haiti, em 1804, foi marcado principalmente pela resistência negra através do vodu, que também caracterizou-se como um meio de organização e mobilização política. Ao mencionar o vodu no Haiti pré-revolução, é impossível ignorar a figura de Makandal, um dos líderes mais emblemáticos da resistência escrava.

Originário da Guiné e escravizado em São Domingos, Makandal tornou-se um símbolo de insubordinação ao liderar um grupo de escravizados fugitivos em 1757. Baseando-se na estrutura simbólica e ética do vodu, Makandal disseminou entre seus seguidores a ideia de que a liberdade só seria possível por meio de um compromisso coletivo, alicerçado na confiança mútua e na lealdade. Assim, ele uniu crença espiritual e ação política, mostrando que o vodu poderia ser um instrumento para a organização e resistência (Suire; Freiras; Oliveira, 2021).

As práticas promovidas por Makandal não se limitavam ao plano simbólico, ele utilizava o conhecimento de plantas e ervas medicinais para criar venenos que eram usados em atos de sabotagem, como o envenenamento de alimentos e fontes de água dos colonizadores. Esses ataques desestabilizavam o sistema escravista e, sobretudo, reforçavam a ideia de que o vodu era uma força ativa na luta pela liberdade. Para Trouillot (2016), Makandal é um exemplo de como o vodu, enquanto prática religiosa, transcendeu o contexto espiritual e se tornou uma ferramenta política e social.

Além das ações de Makandal, o vodu foi extremamente importante na mobilização coletiva dos escravizados. Isso porque as cerimônias religiosas funcionavam como espaços de articulação, onde os participantes podiam planejar

estratégias, compartilhar informações, entre outras coisas. Como observa Rogério (2023), o vodu era uma linguagem comum que unificava indivíduos de diferentes origens étnicas em uma causa coletiva.

O êxito de Makandal em “recrutar” negros para seu intuito se deve, em parte, a sua fama como sacerdote vodu, mas também por ter a fama de profetizar acontecimentos. Em 1758, mais de 6 mil franceses foram envenenados e, após esta proeza, o líder Makandal foi capturado e morto. Entretanto, não deixou de ser relevante para os revoltosos, já que, em seus momentos finais, este teria proferido uma profecia de que retornaria à luta em prol dos escravos através de seus poderes vodu, em forma de mosquito (Trouillot, 2016).

Coincidentemente, anos depois, houve uma epidemia de malária atribuída ao retorno de Makandal que pouco afetou os escravos, mas, por outro lado, dizimou cerca de 30.000 europeus e favoreceu o processo revolucionário. A partir desse acontecimento se fortaleceu no imaginário escravo tanto a crença na religião vodu e em seus líderes como na própria independência, a tal ponto que ainda hoje se encontra moedas haitianas gravadas com a imagem do revolucionário Makandal (Rogério, 2023).

O impacto dos feitos de Makandal e seus liderados foi tão intenso que muitos foram os esforços empregados pelos franceses para que se extinguissem as práticas vodus no Haiti, temendo que estas não só lhes causassem mal, mas também exercessem mais uma vez a função de incitar e orientar os passos da revolução escrava. Porém os escravizados não abandonaram seus Loas. Deste modo, nota-se que a religiosidade dos escravizados estava longe de ser “o ópio do povo”, mas uma parte imprescindível de sua ideologia revolucionária (Queiroz, 2022).

A crença de que os espíritos protegiam e orientavam os escravizados reforçava sua resiliência frente à violência e à exploração. Portanto, o vodu oferecia uma perspectiva de liberdade que ia além da esfera material, conectando os escravizados à sua história e cultura (Meira, 2023). Concomitante a isso, destaca-se que essa capacidade do vodu de integrar espiritualidade e mobilização política consolidou-se como um dos pontos mais pertinentes da resistência escrava em São Domingos, unificando diferentes grupos em torno de um objetivo comum: a libertação do jugo colonial.

Essa força organizacional, exemplificada pela liderança de figuras como Makandal, encontrou sua expressão ainda mais forte no ritual de Bois Caïman. Esse

evento, ocorrido em 1791, simbolizou a materialização do vodu como uma ferramenta que contribuiu diretamente para a Revolução Haitiana.

Ritual de Bois Caïman: o marco inicial da Revolução Haitiana

A cerimônia de Bois Caïman, realizada em agosto de 1791, ocupa um lugar importante na história do Haiti, sendo entendida como o marco inicial da Revolução Haitiana. Assim, esse evento, descrito como uma reunião de escravizados fugitivos em uma clareira na *Plaine du Nord*, perto do *Morne Rouge*, simboliza a relação direta entre a espiritualidade vodu e a luta política pela liberdade (Rogério, 2023). A liderança do jamaicano Boukman, figura histórica e religiosa que atuava como *houngan* (sacerdote vodu) e o papel secundário de uma *mambo* (sacerdotisa vodu), conferem ao ritual uma dimensão tanto mística quanto estratégica (Rogério, 2023).

Nesta cerimônia presidida por Boukman e Cécile Fatiman, ambos sacerdotes vodus, houve típicas danças ritualísticas embaladas ao som dos batuques negros para que se invocasse a entidade Ezilí Dantor, Loa da vingança e raiva. Em seu nome, matou-se um porco preto e os participantes da cerimônia beberam-lhe o sangue para que se tornassem imbatíveis no propósito de atear fogo às plantações e trucidar os senhores na noite de 22 de agosto. Assim, acertou-se, de forma literal, o pacto de sangue entre os negros vodus da cerimônia com Ezilí Dantor no ímpeto de dar cabo à dominação francesa. Em meio ao rito, Boukman profere impactante discurso, utilizando-se da alusão aos desígnios da divindade vodu para incitar os presentes à revolução:

O Bom Deus que criou o sol que nos ilumina de cima, que levanta o mar e faz rugir o trovão - escutem bem, todos vocês - este deus, escondido nas nuvens, nos observa. Ele vê tudo o que os brancos fazem. O Deus dos brancos exige deles crimes; nosso Deus pede boas ações. Mas esse Deus tão bom exige vingança! Ele dirigirá nossas mãos; ele vai nos ajudar. Jogue fora a imagem do Deus dos brancos que tem sede de nossas lágrimas e ouça a voz da liberdade que fala no coração de todos nós (Waver, 2012, p. 147, tradução nossa).

Esse trecho do discurso de Boukman demonstra que a religião está de fato presente na orientação da revolução haitiana como um elemento que desafiava os escravos à ação. Nos dias que se seguiram à cerimônia, cerca de 1.800 plantações foram incendiadas e 1.000 senhores de escravos foram mortos. Este foi mais um duro golpe na colonização francesa (Waver, 2012).

Em 7 de novembro de 1791, Boukman foi assassinado pelas tropas francesas e teve sua cabeça exposta como símbolo da “derrota” momentânea da revolução. Assim como Makandal, Boukman continuou postumamente a ser um grande baluarte da insurreição escrava e foi adicionado ao panteão de Loas da religião vodu.

O sacrifício de um porco, dedicado à divindade guerreira, reforçava o vínculo espiritual entre os participantes e a causa revolucionária, consagrando o compromisso coletivo por meio de um pacto selado com sangue. O ritual, portanto, combinava elementos religiosos e políticos, mostrando a capacidade do vodu de atuar como uma força unificadora em meio à diversidade cultural e étnica dos escravizados (Rogério, 2023).

Assim, para compreender os desdobramentos da Revolução Haitiana, é necessário explorar as intersecções entre o vodu e os eventos revolucionários subsequentes, destacando os impactos dessa religião na mobilização política e na afirmação de uma identidade que redefiniria o papel dos escravizados na história.

Vodu e a revolução: intersecções e impactos

Para compreender os primeiros passos da Revolução Haitiana, é fundamental considerar a cerimônia de Bois Caïman, realizada em 1791. Esse ritual voduísta, conduzido por lideranças espirituais e políticas como o *houngan* Dutty Boukman, reuniu os escravizados da colônia de São Domingos e simbolizou um pacto de resistência. A partir desse momento, diversas revoltas começaram a eclodir, marcando o início da insurreição que culminaria na independência do Haiti.

A Revolução Haitiana

Essa rebelião, caracterizada pela destruição no norte da ilha, foi uma resposta direta à opressão sistemática que os escravizados enfrentavam e à estrutura econômica que sustentava o sistema colonial. Como destaca Carolyn Fick (1990), os engenhos de açúcar tornaram-se os principais alvos dos insurgentes, pois simbolizavam o epicentro de sua exploração e a perpetuação de seu sofrimento. A destruição das plantações foi uma estratégia consciente de enfraquecimento do poder colonial.

A violência que permeou as primeiras ações da revolução demonstra a intensidade do desejo dos escravizados de romper com o passado. Ao incendiar engenhos e plantações, os revoltosos atacavam a base econômica do sistema escravista, mas também buscavam apagar os vestígios do cativo que tanto os havia marcado (Queiroz, 2021).

Esse processo de destruição foi acompanhado por atos de extrema violência, incluindo a eliminação de colonos brancos e de negros que colaboravam com o regime escravista, demonstrando a determinação dos insurgentes em reconstruir um mundo livre da hierarquia racial imposta pelo colonialismo.

Em novembro de 1791, três meses depois do início da insurreição, fez-se o balanço: cerca de mil brancos mortos; 15 mil escravos dados como desaparecidos; 200 engenhos de açúcar (num total de 793) e 1,2 mil plantações de café (total de 3.120) incendiados e saqueados; canais de irrigação destruídos; gado sacrificado. Alguns fazendeiros conseguiram desmontar suas instalações e embarcar com máquinas e escravos para Cuba ou os Estados Unidos. A maioria se refugiou na cidade do cabo esperando reforços da França (Morel, 2017, p. 91).

Para Trouillot (2017), a revolta não foi um ato de barbárie, como muitas vezes retratada na literatura colonialista, mas sim uma manifestação legítima de resistência diante de séculos de exploração e desumanização. Os escravizados compreenderam que, enquanto as plantações e engenhos permanecessem de pé, seu futuro seria inevitavelmente ligado ao trabalho forçado. Assim, a destruição física dessas estruturas representava, simbolicamente, a destruição da ordem colonial e a construção de uma nova possibilidade de existência.

A revolução não foi um movimento desorganizado. A articulação entre espiritualidade, simbolizada pelo vodu, e estratégia política foi fundamental para garantir a continuidade e a força do levante. Como argumenta Laurent Dubois, os atos de destruição eram guiados por uma lógica de libertação, onde o anseio pela liberdade transcendeu as ações individuais e se tornou uma causa coletiva (Dubois, 2004 *apud* Queiroz, 2021). Embora marcada pela violência, a Revolução Haitiana simbolizou o rompimento com o sistema escravista e a afirmação de uma nova ordem social que reconhecia a humanidade dos negros. Os atos de destruição não podem ser separados do contexto de opressão que os precedeu, pois foram uma resposta proporcional à brutalidade de um sistema que os reduzia à condição de mercadorias.

Inerente a isso, vale destacar, ainda, que Revolução Haitiana se desenvolveu ao longo de 13 anos, entre 1791 e 1804, sendo, portanto, um período marcado por mudanças significativas em São Domingos, que passou de uma das colônias mais lucrativas do império francês para o primeiro estado negro independente do mundo e o segundo país das Américas a conquistar sua autonomia (Rocha, 2023).

Conforme o argumento de Meira (2023), a revolução não foi um evento linear, mas um processo que combinou revoltas escravas, conflitos internos entre colonos brancos, negros livres e mulatos, e a influência de forças externas. Inicialmente motivados pelo desejo de liberdade e pela abolição da escravidão, os insurgentes expandiram suas reivindicações, exigindo tanto o fim da opressão racial como também a criação de uma sociedade independente, baseada em princípios de igualdade e soberania.

Em 1804, após anos de intensos confrontos, a independência do Haiti foi oficialmente proclamada. A vitória foi resultado direto da luta armada liderada por figuras como Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines, que comandaram os exércitos de escravizados contra as tropas francesas. Com isso, o Haiti tornou-se a primeira república negra do mundo, nascida de uma revolução de base popular e antiescravista (Morel, 2017).

Os impactos dessa independência repercutiram em diversas regiões, provocando temor nas elites escravistas do continente americano — fenômeno conhecido como *haitianismo*, o qual passou a representar o medo de que outras rebeliões semelhantes ocorressem. No caso do Brasil, por exemplo, influenciou diretamente no reforço do aparato repressivo e no controle sobre a população negra (Meira, 2023). As bases da nova república haitiana foram profundamente enraizadas na experiência revolucionária e na cultura voduísta, a qual ganhou força simbólica e institucional, tornando-se posteriormente a religião oficial do país.

O legado do vodu na Revolução Haitiana

Longe de ser apenas uma expressão espiritual, essa prática religiosa tornou-se extremamente importante para a organização social e nas táticas militares adotadas pelos escravizados em São Domingos, sendo, portanto, determinante durante todo o curso da revolução haitiana. As práticas religiosas do vodu foram incorporadas às táticas militares de forma a garantir disciplina entre os revoltosos.

Cerimônias religiosas realizadas antes das batalhas buscavam a proteção dos *Loa*, mas também fortaleciam o moral dos combatentes e os inspiravam (Lima *et al.*, 2022).

Os símbolos e crenças associados ao vodu foram utilizados de maneira estratégica para inspirar coragem e determinação entre os escravizados. A figura de *Ogou*, um *Loa* guerreiro reverenciado por sua força e proteção em combates, era frequentemente invocada como um modelo de bravura e liderança (Queiroz, 2022).

O impacto psicológico do vodu também foi significativo, tanto sobre os colonizadores quanto sobre os escravizados. Para os colonizadores, o vodu representava uma força misteriosa e aterrorizante, amplamente associada à magia e ao sobrenatural. Essa percepção fomentava um medo generalizado entre os brancos, os quais viam nas práticas religiosas dos escravizados uma ameaça direta à sua autoridade e segurança.

Ao mesmo tempo, o vodu oferecia aos oprimidos uma ferramenta para desestabilizar emocionalmente seus opressores, criando um ambiente de incerteza e pavor que favorecia as ações revolucionárias.

O Vodou, no decorrer da história, foi reconhecido pelo seu papel subversivo da ordem estabelecida. Foi exatamente na contradição perante a Igreja Católica que ele se recriou frente aos mecanismos de opressão, encontrou instrumentos de sobrevivência por meio das práticas dos que viam no catolicismo formas de reinterpretar os rituais e valores religiosos do Vodou (Silva; Doimo, 2021, p. 7).

Apesar de toda a relevância do vodu, pode-se constatar que essa religião ainda é duramente perseguida e demonizada dentro e fora do Haiti, sendo alvo constante de estigmatização, tanto por instituições coloniais quanto por discursos religiosos hegemônicos. Como observa Trouillot (2017), a satanização do vodu foi uma ferramenta utilizada pelos colonizadores para justificar a desumanização dos escravizados e legitimar o controle sobre suas vidas. Essa estigmatização foi, e continua sendo, difundida, impactando a percepção dessa religião em escala mundial.

No período colonial, a Igreja Católica foi determinante para a criminalização do vodu, partindo do pressuposto de que os rituais e práticas dessa religião eram frequentemente rotulados como heresia, feitiçaria ou culto demoníaco, numa tentativa de deslegitimar a espiritualidade africana e reforçar a imposição do cristianismo como única fé válida. Esse processo buscava enfraquecer a resistência dos escravizados, e, para além disso, perpetuar uma narrativa de superioridade cultural europeia, a qual

consolidou-se ao longo do tempo, mantendo estereótipos que associam o vodu ao obscurantismo e à violência (Rogério, 2023).

Na contemporaneidade, a perseguição ao vodu manifesta-se de diferentes formas, desde ataques físicos a templos e líderes religiosos no Haiti, até a perpetuação de discursos midiáticos que reforçam imagens negativas dessa prática. Filmes, programas de televisão e produções culturais ocidentais frequentemente retratam o vodu como uma prática exótica e perigosa, reforçando um imaginário que o desconecta de suas raízes espirituais e culturais. Como ressalta Hurbon (2001), essa representação distorcida do vodu contribui para sua marginalização, tanto no âmbito local quanto internacional, dificultando o reconhecimento de seu papel central na história e na identidade haitiana.

Considerações finais

A análise da Revolução Haitiana à luz do vodu como elemento principal na resistência e transformação histórica demonstrou que o vodu, muito além de uma prática espiritual, emergiu como um mecanismo de articulação social, política e cultural, que unificou os escravizados em torno de uma causa comum. Assim, essa perspectiva humanizada da história do Haiti reafirma a importância de reconhecer o papel das tradições culturais africanas na luta pela liberdade e na construção de novas identidades.

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que o vodu se tornou um instrumento de subversão e resiliência frente ao sistema colonial, preservando as memórias ancestrais e, principalmente, fomentando a coragem necessária para enfrentar a opressão. Verificou-se, ainda, que a cerimônia de Bois Caïman foi um marco inicial da revolução, simbolizando uma interseção entre espiritualidade e ação política, destacando como os escravizados encontraram na fé um alicerce para a construção de sua emancipação.

Além disso, este estudo reforça a relevância do vodu como um sistema cultural capaz de se adaptar às condições mais adversas sem perder sua essência. A capacidade de incorporar elementos do cristianismo imposto pelos colonizadores, transformando-os em ferramentas de resistência, exemplifica a criatividade e resiliência das comunidades escravizadas.

Contudo, a história do vodu também é marcada por perseguições e estigmatizações que continuam a ecoar nos dias atuais. Ficou denotado, ao longo da pesquisa, que a narrativa colonial que associava o vodu ao obscurantismo e à violência ainda persiste em muitos discursos contemporâneos, reforçando preconceitos e desinformação. É essencial, portanto, que novas abordagens historiográficas e culturais sejam desenvolvidas para resgatar e valorizar o papel do vodu na formação da identidade haitiana e na luta contra a opressão.

Este trabalho também destaca a importância de olhar para a Revolução Haitiana não apenas como um evento isolado, mas como um movimento conectado às experiências culturais e espirituais dos escravizados. Assim, a emancipação política do Haiti foi, em muitos aspectos, uma extensão de sua emancipação espiritual, um testemunho de como a fé e a identidade cultural podem servir como ferramentas diretas de transformação histórica.

Do ponto de vista historiográfico, a discussão sobre o vodu na Revolução Haitiana também contribui para desconstruir narrativas eurocêntricas que frequentemente desconsideram as contribuições das populações afrodescendentes na construção da modernidade. Reconhecer o vodu como um elemento principal da revolução é uma forma de reposicionar os sujeitos históricos que, durante séculos, foram relegados à margem dos grandes relatos históricos.

Referências

AURÉLIO, Marco. UOL. **Que som tem uma revolução? – música e libertação nacional no Haiti**. 2023 Disponível em: <https://revistaopera.operamundi.uol.com.br/2023/07/30/que-som-tem-uma-revolucao-musica-e-libertacao-nacional-no-haiti/>. Acesso em: 20 de mar. 2024.

BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no novo mundo**. Do Barroco ao Moderno 1492-1800. São Paulo: Record, 2010.

CHRISTOPHE, Marc A. Ulrick Jean-Pierre's "Cayman Wood Ceremony". **Journal of Haitian Studies**, p. 52-55, 2004.

DUBOIS, Laurent. **Avengers of the new world**. Harvard University Press, 2004.

FICK, Carolyn E. **The making of Haiti: The Saint Domingue revolution from below**. Univ. of Tennessee Press, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. Editora Paz e Terra, 2015.

HURBON, Laënnec. **Current evolution of relations between religion and politics in Haiti**. Nation Dance: Religion, Identity, and Cultural Difference in the Caribbean, p. 118-28, 2001.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Tradução de Walmir Soares. São Paulo: Boitempo, 2010.

JOSEPH, Handerson. **Vodu no Haiti. Candomblé no Brasil**: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano. 2010. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política. Pelotas: Universidade de Pelotas, 2010. Disponível em: <https://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1588> . Acesso em: 04 jul.2025

LIMA, Luís Fernando de Souza; LOURENÇO, Fernanda Mendes; OLIVEIRA, Giovanna Saturnino; VIEIRA, Sofia França; SIMAO, Fabio Luiz Rigueira. Haitianismo e percepção da Revolução Haitiana na sociedade escravista brasileira do século XIX. **Revista Ponto de Vista**, v. 11, n. 2, p. 01-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/14537>. Acesso em: 04 jul.2025

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRA, Kelly Cristine Oliveira. Republicanismo e a Revolução Haitiana. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 12, n. 24, p. 106-119, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/16739>. Acesso em 04 jul.2025

MÉTRAUX, Alfred. **Le Vaudou haitien**. Paris: Gallimard, 1958.

MINTZ, Sidney W. **Sweetness and power**: The place of sugar in modern history. Penguin, 1986.

MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil escravista**: o que não deve ser dito. Paco Editorial, 2017.

PROSPERE, Renel. A demonização da religião (vodu) e seus impactos na vida da primeira república negra do mundo: o haiti. **Razão e Fé**, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rff/article/view/3176>. Acesso em: 04 jul. 2025.

QUEIROZ, Marcos. Constitucionalismo Haitiano e a Invenção dos Direitos Humanos. **Revista Direito e Práxis**, v. 13, n. 4, p. 2774-2814, 2022a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/70815>. Acesso em: 04 jul. 2025

QUEIROZ, Marcos. Constitucionalismo Negro: elementos de teoria e história constitucional a partir da Revolução Haitiana. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**, v. 13, n. 1, p. 85-109, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/16763>. Acesso em: 04 jul.2025

QUEIROZ, Marcos. **O Haiti é aqui**: ensaio sobre formação social e cultura jurídica latino-americana (Brasil, Colômbia e Haiti, século XIX). 2022. 700 f., il. Tese (Doutorado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022b. Disponível em: https://www.academia.edu/95692119/O_Haiti_%C3%A9_aqui_ensaio_sobre_forma%C3%A7%C3%A3o_social_e_cultura_jur%C3%ADdica_latino_americana_Brasil_Col%C3%B4mbia_e_Haiti_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 04 jul. 2025

ROCHA, Eric Patrick Silva de Faria. Representações presentes do passado: a revolução haitiana nos livros didáticos. Dia-Logos: **Revista Discente da Pós-Graduação em História**, v. 17, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/dia-logos/article/view/78475>. Acesso em: 04 jul.2025

ROGERIO, Marcele Scapin. A religiosidade na diáspora: o mundo sagrado haitiano. **Estudos de religião**, v. 37, n. 1, p. 291-314, 2023. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/267>. Acesso em: 04 jul.2025

SANTOS, Armstrong da Silva. Haiti: História, silenciamento e religiosidade como tática de liberdade. **Das Amazônias**, v. 6, n. 2, p. 97-111, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6930>. Acesso em: 04 jul.2025

SCHIEFLER, Felipe Riccio. Revolução, Independência e Abolição: o caso haitiano. **Revista Brasileira Do Caribe**, Universidade Federal do Maranhão-UFMA, v. 24, n.47, p. 13, 2023. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/22793>. Acesso em: 04 jul.2025

SILVA, Amanda Bastos da. **A Revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX**: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca. 2019. 167 p. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.historia.uff.br/stricto/td/2308.pdf. Acesso em: 04 jul.2025

SILVA, Marcela de Oliveira Santos; DOIMO, Bruna Baliza dos Santos. Vodú, a resistência negra no Haiti. **Tempo da Ciência**, v. 28, n. 56. 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/29054>. Acesso em: 04 jul.2025

SUIRE, Nikita; FREIRAS, Flávio Luiz de Castro; OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Os símbolos sociais no vodú haitiano e seus significados. Vivência: **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 57, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/27414>. Acesso em: 04 jul.2025

TROITINHO, Bruna Ribeiro. As contribuições do pensamento haitiano para o giro decolonial: Barão de Vastey, Anténor Firmin, Louis-Joseph Janvier e Hannibal Price. **Revista TOMO**, v. 42, p. 17897-17897, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17897>. Acesso em: 04 jul.2025

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

WAVER, Ole. **Thinking international relations differently**. London: Routledge, 2012.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Editora Companhia das Letras, 2012.